



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS

Curso de Licenciatura em Letras – Português, Inglês e suas respectivas

Literaturas

**EFEITOS DISCURSIVOS DA LINGUAGEM HUMORÍSTICA NO
GÊNERO *STAND-UP***

Gabrielli da Silva Melo Lúcio

GARANHUNS-PE

2018

Gabrielli da Silva Melo Lúcio

EFEITOS DISCURSIVOS DA LINGUAGEM HUMORÍSTICA NO GÊNERO *STAND-UP*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns, como exigência parcial para obtenção do título de Graduada em Letras.

Orientação: Prof. Dr. Dennys Dikson Marcelino da Silva.

GARANHUNS-PE

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna Garanhuns - PE, Brasil

L938e Lucio, Gabrielli da Silva Melo

Efeitos Discursivos da Linguagem Humorística no Gênero
Stand-up / Gabrielli da Silva Melo Lucio. - 2018.
40 f. : il.

Orientador(a): Dennys Dikson Marcelino da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR - PE, 2018.

Inclui referências

1. Análise do discurso 2. Humor 3. Linguagem
I. Silva, Dennys Dikson Marcelino da, orient. II. Título

CDD 401.41

Gabrielli da Silva Melo Lúcio

**EFEITOS DISCURSIVOS DA LINGUAGEM HUMORÍSTICA NO
GÊNERO *STAND-UP***

Aprovado em:_____/_____/_____

Nota Obtida:_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Dennys Dikson Marcelino da Silva
(UFRPE/UAG)
Orientador

Prof. Dr. Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes
(UFRPE/UAG)
1º Examinador

Prof^a. Dr^a. Juliene da Silva Barros Gomes
(UFRPE/UAG)
2º Examinador

Garanhuns, 25 de Julho de 2018

Sumário

1. <i>Stand-up</i> no Brasil: história e humor	12
1.1 O Riso.....	15
1.2 Mas afinal quem é Rafinha Bastos?	18
2. Análise do Discurso Pêcheutiana.....	21
2.1 O Discurso e as Relações Sociais	23
2.2 Condições de produção	25
2.3 Formações Ideológicas	27
2.4 Formações Discursivas	28
2.5 Interdiscurso e Intradiscurso	29
2.6 O Dito o Não Dito e o Silenciado.....	30
3. Análise do Corpus Discursivo	33
3.1 Um Estudo Sobre os Ditos, Não Ditos, Silenciados e as Formações Discursivas e Ideológicas presentes no Gênero <i>Stand-up</i>	33
Considerações Finais	37
Referências Bibliográficas	38

**Ao meu Deus por me amar incondicionalmente e proporcionar oportunidades
de escolher o caminho melhor na vida.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pela vida, pelas conquistas pessoais e profissionais, e por ter colocado em meu caminho pessoas tão especiais, que foram, sem dúvida, essenciais durante toda essa trajetória;

Ao Prof. Dr. Dennys Dikson, meu orientador, por ter aceito tornar realidade este trabalho. Devido às suas magníficas contribuições, hoje estou convicta de que escolhi o caminho certo. Saiba que minha admiração por seu trabalho se iniciou no primeiro período e graças a essa experiência o discurso tornou-se uma paixão;

Aos professores convidados a compor a banca examinadora deste trabalho; Carlos Eduardo Albuquerque e Juliene Barros; estou certa de que todas as contribuições colocadas são de extrema importância para meu crescimento profissional;

Aos Professores do curso de letras da UAG, por todas as contribuições durante a formação acadêmica; se fora da universidade somos admirados por executar tão bem nossa função, este mérito devemos com certeza a vocês, nossos instrutores de carreira e de vida.

Ao grupo que se tornou casa em meu coração. Débora Fernanda, Elisiane Tavares, Gabriel Cantilino, Geovana Ferreira e Ricardo Soares; obrigado por compartilharem comigo alegrias, angústias, conhecimentos, ideias, companheirismo e muito amor, por que isso temos de sobra. Foi uma convivência maravilhosa, enriquecedora e se Deus permitir, duradoura.

À minha família, em especial minha mãe e meus irmãos por serem meu alicerce, me encorajando a nunca desistir dos meus sonhos; por eles tenho um amor incondicional.

Ao meu esposo Caio César, que teve que abrir mão de muitas coisas para que eu pudesse realizar com tranquilidade minhas atividades acadêmicas. Obrigado por todo apoio, amor e dedicação; hoje não tenho dúvidas de que você foi minha melhor escolha.

A estas pessoas dedico meus sinceros agradecimentos.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

Arthur Schopenhauer

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar através de uma metodologia analítica qualitativa os efeitos discursivos de um gênero humorístico que vem se destacando nas últimas décadas, o *Stand-up*; uma das mais recentes formas de se fazer humor no Brasil. Baseado nas teorias de Pêcheux (2009) e Orlandi (2010), e levando em consideração aspectos teóricos da Análise do Discurso Francesa, centramo-nos nas condições de produção dos discursos Ditos e Não Ditos, bem como nos variados efeitos de sentido encontrados em trechos de shows de *Stand-up* produzidos pelo apresentador e humorista Rafael Bastos. Percebeu-se mediante as análises, que o gênero carrega em seus discursos fortes cargas ideológicas que são propositalmente camufladas através dos Não Ditos, pelo fato da inviabilidade de serem totalmente proferidas. Tais chacotas são fundamentadas nos valores e nas relações que a sociedade compartilha, constituindo o que muitos chamam de humor negro. Assim, surgiu a necessidade de se fazer um estudo sobre o gênero em seus alicerces linguísticos, sociais e ideológicos.

Palavras-Chave: Análise do Discurso. Condições de Produção. *Stand-up*.

Abstract

This paper has as objective analyses, using a qualitative analytical methodology, the discursive effects of a humorous genre that has been highlighting in the last years, The Stand-up Comedy; One of the most recent ways of do humor in Brazil. Based on the theories of Pêcheux (2009) and Orlandi (2010), considering the theoretical aspects of the French Discourse Analysis, we focus on the conditions of production of the said and unsaid discourses, as well as on the varied effects of sense found in the stretches of the Stand-up shows produced by the humorist and presenter Rafael Bastos. We noticed through analysis, that the genre carries in its discourses strong ideological loads that are camouflaged purposely through of the unsaid discourses, because of inviability of being totally uttered. Such derision are based on the values and relationships that society shares, constituting what many call black humor. Thus, the need arose for a study about the genre in its linguistic, social and ideological foundations.

Key words: Discourse Analysis, Production Conditions, *Stand-up*.

Introdução

O homem é por natureza um ser falante que interage socialmente por meio da linguagem; linguagem essa que pode ser compreendida como instrumento de comunicação materializado através do discurso podendo se manifestar de várias maneiras a depender do contexto no qual se insere, de como e para quem é produzido. O discurso é assim “uma resposta a outros discursos com quem dialoga reiterando, discordando, polemizando” (GAMA et al, 2009).

Considerando o humor um gênero sobre a alegação de que se trata apenas de uma piada, os shows de *stand-up* traduzidos da língua inglesa como comedia “em pé” ou “erguida”, transmitem em sua maioria por meio da linguagem, ideias humorísticas altamente discriminatórias.

Assim, entendendo a produção de discursos como uma prática social possuidora de lógica, o presente trabalho se propõe a analisar os efeitos discursivos da linguagem humorística dos shows de *stand-up* através de uma das principais categorias estudadas pela Análise do Discurso Francesa; O Dito, Não Dito e o Silenciado, bem como suas condições de produção.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram escolhidas duas piadas contadas pelo humorista Rafinha Bastos em um de seus shows de *stand-up*, cuja análise centrou-se na teoria da Análise do Discurso de linha Francesa defendida por Pêcheux (2009) e Orlandi (2010).

A partir do *corpus* selecionado, tal estudo buscará refletir a respeito das fortes cargas ideológicas presentes nas piadas de Bastos, as quais envolvem relações com os preconceitos de religião, raça, sexualidade, formação de estereótipos etc. Por meio da investigação será possível compreender se os discursos inseridos nessas piadas apresentadas nos shows de *Stand-up* podem contribuir para a constituição da violação dos direitos humanos e formação de uma violência simbólica.

Ao final deste estudo pretende-se que o seguinte questionamento seja respondido: Muitos humoristas afirmam que seus shows são apenas para provocar o

riso em seu público, mas será que o grande poder ideológico da linguagem se aumenta no discurso humorístico, uma vez que este possui uma força grandiosa em meio social?

No gênero *stand-up*, assim como em outros, tudo é válido quando o objetivo é fazer o outro rir se tratando apenas de construções ingênuas que não influenciam a sociedade, nem tão pouco a agride?

Para isso analisaremos como se dão as manifestações dos discursos ditos e não ditos, utilizados por Bastos em algumas piadas como estratégia discursiva, explorando também a posição assumida pelo comediante na construção de seus discursos.

Diante do que foi relatado, este trabalho optou por se organizar em três seções. A primeira, “*Stand-up* no Brasil: história e humor” traça um contexto histórico sobre o surgimento do *Stand-up* e do humor no Brasil, expondo também as principais características do gênero abordado. Na seção seguinte, “*Análise do Discurso Pêcheutiana*”; é iniciado um estudo o qual evidencia o surgimento da Análise do Discurso Francesa, seus introdutores (na França e no Brasil), e as principais categorias estudadas e desenvolvidas pela corrente teórica. Por fim, a última seção, dedicada à análise do Corpus, busca mostrar as fortes cargas ideológicas presentes nos discursos humorísticos de Bastos, que se utiliza de recursos como o Dito e Não Dito para camuflar todo um discurso dominante de preconceito que age como propagador de raiva e ódio.

1. *Stand-up* no Brasil: história e humor

São inúmeras as formas em que o humor pode ser encontrado em meio à sociedade, porém, dentre elas o presente trabalho se aterá ao estudo do *Stand-up*, termo norte-americano, cuja tradução para língua portuguesa é “erguer-se” ou “em pé”. O gênero começou a ganhar destaque no Brasil depois do sucesso do Clube da Comédia, um grupo de humoristas brasileiros formado por Marcelo Mansfield, Rafinha Bastos, Marcela Leal, Oscar Filho, Marcio Ribeiro e Henrique Pantarotto, inaugurado em 2005.

Por ser um gênero ainda pouco explorado não se tem definições concretas sobre tal categoria. E por se relacionar com temas conflituosos sociais, além de estabelecer relações de poder, carrega características socioculturais de complexa apreensão, tornando-se então um objeto de estudo de grande valia.

“Herdeira dos monólogos da década de 60”, como coloca Mathias (2015, p. 20), este tipo de humor, apesar de recente no Brasil, tem ganhado um espaço relevante no meio dos entretenimentos desde os anos 90 com a formação dos primeiros grupos do gênero.

Nas palavras de Soares,

O *stand up* comedy pode ser proposto como um o fenômeno de entretenimento no Brasil desde o final dos anos 1990, substituindo até a tradicional voz e violão nos bares e restaurantes boêmios de todo o Brasil, o que mostra sua força de difusão popular (2013, p. 04).

Tal modalidade trata-se de um show humorístico que se difere dos gêneros propostos até então, pois apresenta a comédia em seu estado bruto. O comediante se apresenta totalmente exposto, em pé; portando apenas um microfone, sem o auxílio de figurino, máscaras (característica dos palhaços) ou cenários específicos. Dentre os únicos aparatos decorativos dos lugares onde são feitas as apresentações, estão cortinas vermelhas e um foco de luz direcionado ao humorista; tais elementos são inspirados nos clubes de comédia norte-americanos.

Diferente da categoria de atores, os humoristas de *stand-up* não possuem um local específico para suas apresentações assim como os teatros, por exemplo; se apresentam, portanto, em programas de TV, bares, almoços, shoppings ou até mesmo shows particulares, que vão de eventos grandiosos a apresentações em barzinhos.

Os textos são produções próprias de cada apresentador; cabe a eles darem forma às piadas, uma vez que estes não possuem material de auxílio o qual se ancorar no momento de produção, desta forma, para ter sentido ou graça as chacotas são escolhidas em conformidade com o público e com a cultura do local, bem como produzidas de acordo com as experiências pessoais de cada um, confrontadas com experiências de outras culturas, e por esse motivo dificilmente são reproduzidos de maneira igual por outros artistas.

Isso força, além de um pensamento e uma análise criativa e crítica, uma regionalização consequentemente, um olhar sobre culturas específicas para ter sentido onde são apresentados os espetáculos de humor, ou, como mais manifesto, para montar paralelos comparativos com outras culturas e, sobre essas diferenças, confeccionar piadas e não apenas confrontos de pontos de vista (SOARES, 2013, p. 02).

Entretanto, apesar de uma das principais características do gênero ser a criatividade, não se pode dizer que existe uma proibição em relação à reprodução de piadas já existentes, pois como elas não identificam seus autores podem ser reproduzidas sem que os humoristas, na maioria dos casos, sejam responsabilizados por sua circulação. Desta forma o desenvolvimento de tais textos pode acarretar em aceitações positivas e/ou negativas, podendo ser reelaborados, já que o humorista não tem um padrão a seguir, e extrair risos de outrem nem sempre é tarefa fácil.

A falta de aparatos, liberdade de expressão e o descompromisso com regras, são características que permitem aos comediantes usarem das representações sociais como produto para construção dos textos. O campo das polêmicas geralmente é o mais explorado, cujas críticas se voltam a determinados fatores sociais como política, pessoas famosas, comportamentos ou referência a

estereótipos, ambos transmitidos através das piadas de maneira “engraçada” ou “brincalhona”.

Sobre estereótipos, Mathias (2015, p. 21) argumenta que “São imagens prévias e representações imediatas paralelas de uma realidade vivenciada ou não, que concebem a assimilação de situações cotidianas”. Ou ainda como afirma Possenti (2014, p.40) “O estereótipo deve ser concebido como social imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução (com frequência negativa), eventualmente um simulacro”.

Em meio a tais pontos, a técnica de “*autoflagelo*” cuja denominação refere-se ao ato de se “auto sacanear”; é um dos recursos também frequentemente utilizados. A partir dela, o humorista busca evitar o “politicamente correto”; ato que consiste em evitar certos tipos de linguagem insultantes a determinados grupos, bem como evitar possíveis maus julgamentos para sua própria imagem enquanto pessoa pública ao reproduz determinadas piadas, (entretanto, nem todos os humoristas tomam tal cuidado) conforme lembra Sechinato:

Ao não uso de mais recursos cênicos, como roupas, maquiagem etc., o comediante *stand-up* se favorece de algumas caracterizações discursivas do gênero, como versar sobre o cotidiano e as experiências próprias, brincando com os estereótipos construídos e reflexivos de si mesmo (2015, p. 97).

É notório que a oralidade é o principal meio utilizado pelos comediantes; não poderia ser citado como único uma vez que os apresentadores não usam apenas gírias, palavrões e imitações dialetais de forma que todos estejam relacionados ao uso da palavra, mas também, gestos (na maioria das vezes obscenos) cuja função é auxiliar no complemento de suas falas.

No Brasil, os comediantes de *Stand-up Comedy* estão cada vez mais fazendo sucesso por trazer um humor contundente e adolescente, realçados pelas mídias sociais e influenciados por essa nação que caminha pela contemporaneidade de indivíduos dispersos do comprometimento social e da moral. Um humor que faz tudo pela fama, pela audiência, pelo dinheiro. Quanto mais arrogante, mais politicamente incorreto, mais esse tipo de comediante se exalta e se afirma se torna algo hedonista, um humor

para o eu, que não ri junto com o outro, mas ri do outro (SANTOS, 2017,P.08).

O que poderia ser entendido como uma forma de vincular de maneira mais forte e expressiva críticas do cotidiano através do risível passou a ser uma apropriação do gênero voltado para experiências mercadológicas tornando-se produção de um produto de consumo para o lazer independente do conteúdo transmitido, não se tratando apenas de contadores de piadas. Estes elementos incrementam as apresentações tendo como objetivo principal a construção do cômico, e consequentemente a obtenção do riso já que uma piada só será considerada com êxito e de sucesso quando produzir este efeito no receptor.

1.1 O Riso

Por ser uma maneira descontraída de refugiar-se dos problemas diários, desde os primórdios o homem tem necessidade de desfrutá-la. Na antiguidade, mais precisamente na Idade Média, o riso tratava-se de um ato ligado a pessoas nobres, apenas eles tinham a ilustre presença de uma figura inusitada a qual intitulavam “bobos da corte”. Através de divertidas encenações, estes, tinham como função primordial proporcionar prazer ao rei quando o mesmo se encontrava em importantes reuniões, ou simplesmente sobrecarregado de suas atividades diárias, como coloca Pires

Uma corte que se prezasse deveria ter pelo menos um bobo para divertir o senhor e seus convidados. Esse poderia ser corcunda ou com qualquer deformidade física ou de caráter que, na condição de bobo, seria bem aceito. Assim, eles se apropriavam dos próprios “defeitos” para se fazerem engraçados ou provocadores (2010, p. 12).

Com o passar do tempo, os valores foram se invertendo e o riso foi transformando-se em acontecimento popular e em indício de cultura e libertação da burguesia.

Essa inversão de valores estava presente em épocas e festejos específicos, mas também fazia parte do dia a dia e do próprio pensamento popular medieval, tendo conseguido, inclusive, adentrar-se nas cortes. O riso carnavalesco abalava as estruturas do regime feudal, abolia as relações hierárquicas, igualava pessoas que provinham de condições sociais distintas. Era contrária a toda perpetuação, a toda ideia de acabamento e perfeição, mostrando a relatividade das verdades e autoridades no poder. Todos são passíveis de riso e ninguém é excluído dele; era a percepção do aspecto jocoso e relativo do mundo. (PIRES, 2010, p. 13).

Tal cena nos dias atuais não nos é estranha, o riso é uma das poucas ações que está vinculada a todas as classes sem distinções sociais, de maneira que as pessoas vivem em busca de momentos de descontração que lhes causem prazer e descarrego de tensões diárias como aponta Soares, “O riso é um produto exclusivo do homem, fruto de suas produções simbólicas e intelectuais (2013, p. 10)”. O humor acaba fazendo parte do ser humano à medida que entrepõe nossa relação com o mundo. Portanto, a grande questão gira em torno não ato de rir, mas do que se ri.

Afinal, o riso interfere na percepção da realidade? Para que rimos? E de quê rimos? Rimos de felicidade, do cômico, por impulso, ironicamente, do defeito do outro, das escolhas alheias, rimos para não demonstrar tristeza ou até mesmo para transparecer superioridade. O riso pode ser sinônimo de felicidade usado como meio terapêutico, mas também de apontamentos horrendos quando se transforma em agente sarcástico e humilhante diante de situações conflituosas.

Desta forma são várias as funções que o ato carrega conforme lembra Marques

O riso serve para zombar de nós mesmos e também do outro; pode amortecer nossos temores existenciais; expressar alegria; demonstrar nossa agressividade; reforçar os vínculos do grupo ao manifestar simpatia e, concomitantemente, excluir aquele indivíduo que não tem um comportamento adequado ao padrão estabelecido pela maioria; enfim, ele conseguiu assumir, ao longo da história, o caráter divino, diabólico e também humanista (2006, p. 23).

Em se tratando dos shows de *stand-up* o riso da plateia é o resultado mais importante. E para que este seja atingido causando prazer ao espectador, o apresentador deve aproximar ao máximo aquilo que é dito com a realidade vivida pelo público, contendo em suas piadas noções cotidianas, cujos significados devem

estar ligados ao tempo e o contexto daquele determinado momento/publico. Porém, por estar tão intimamente ligado a fatores sócias, ele (o riso) pode causar alegria através do ato de descontração, ou até mesmo descontentamento quando mencionado de forma judiaria, como proposto por Sechinato (2015, p. 11), “O riso, muitas vezes na contramão da existência fascinante, às vezes perturba, trata do que é grosseiro, do que é cotidiano, mesquinho, baixo. Às vezes solidário, faz sorrir, faz feliz. Mas ele também tira sarro, é zombeteiro e acolhe o anti-herói”.

Bergson Henry (1983 apud MENDONÇA; JÚNIOR, 2012) aponta o riso a partir de três perspectivas:

A primeira, o riso é uma característica puramente humana. Ainda que o riso se refira a objetos, estes precisaram assumir características ligadas ao humano para que o cômico se faça. A segunda, o riso é um ato inteligente, e quando produzido com intenção de rir de algo ou alguém, este rompe as barreiras da emoção ainda que se tenha qualquer tipo de ligação com a pessoa. E a terceira; diz respeito ao eco o qual o riso necessita, pois todo e qualquer riso necessita de um coletivo para que possa existir. (2012, p. 01-02).

Sendo o riso um fator coletivo e mundial, que está repleto de ideias, referências, costumes e hábitos que interferem diretamente na sociedade em que estamos inseridos, temos então um riso humorístico que envolve sujeitos cuja função é social, ou seja, a partir dele é possível representar uma realidade social e nela se posicionar criticamente.

Diante do exposto e pensando na pluralidade de significados que um simples e ao mesmo tempo complexo ato de fazer rir carrega, nossa materialidade discursiva será trechos de falas de shows de *stand-up* produzidas pelo humorista apelidado de Rafinha Bastos; a fim de conseguir ibope, o apresentador aproveita-se das minorias, explorando preconceitos e estereótipos de forma grosseira e obscena.

1.2 Mas afinal quem é Rafinha Bastos?

Rafael Bastos Hocsman ou Rafinha Bastos como é popularmente conhecido, embora formado em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, decidiu seguir a carreira de humorista tornando-se um dos comediantes que atingiram grande sucesso no Brasil fazendo shows de *Stand-up*.

A carreira de Bastos começou produzindo vídeos independentes para sua página na internet, obteve reconhecimento na TV, a frente do “CQC” e “A Liga”, ambos programas da rede Bandeirantes, além de ter sido escolhido pelo *The New York Times* (em 2011, mesmo ano do comentário sobre Wanessa) como a personalidade mais influente do Twitter (ARAÚJO, 2016, p.08).

Dentre os vários programas dos quais o mesmo participou além do “CQC” (Custe o Que Custar) estão, “Saturday Night Live” transmitido pela Rede TV em 2012, e “Agora é Tarde” também transmitido pela Band.

O apresentador produziu dois shows de *Stand-up*, um intitulado “A Arte do Insulto” gravado em 2010, e o outro “Péssima Influência” lançado em 2014; possui um canal no You Tube com cerca de 2 307 971 inscritos, o qual apresenta dois principais quadros. O primeiro trata-se de entrevistas feitas com famosos nomeado por ele como “OITO MINUTOS”, e o segundo, “CHAMADO CENTRAL”, o qual o comediante caracterizado de policial se aproxima de adultos e crianças em meio as ruas em situações cotidianas, simulando abordagens policiais.

Protagonista de grandes polêmicas o humorista já teve que enfrentar diversos processos devido aos conteúdos altamente pejorativos contidos em seus shows de humor ao falar, por exemplo, sobre como cumprimentar pessoas que não tem os braços, o que dizer para uma mulher virgem com câncer, e por que, depois que teve um filho, passou a defender o aborto.

Dentre os diversos transtornos causados por ele, o caso da cantora Wanessa Camargo foi um dos que teve uma enorme repercussão.

No dia 19 de setembro de 2011, a frente da bancada do programa CQC, com transmissão ao vivo, Rafinha Bastos disse: “eu comeria ela e o bebê. To nem aí... To nem aí”, em resposta ao comentário do colega Marcelo Tas sobre a cantora Wanessa “Que bonitinha que está a Wanessa Camargo grávida”, após uma matéria em que a intérprete⁷ Ranking dos assuntos mais comentados no Twitter. [...] Na época, a piada causou o repúdio da opinião pública, o afastamento de Rafinha do humorístico e um processo movido por Wanessa e seu marido, Marcus Buaiz. A ação condenou o comediante ao pagamento de multa no valor de 150 mil reais por danos morais à cantora e a sua família. (ARAÚJO, 2016, p.12)

Após enfrentar processos da família Camargo, Rafinha foi obrigado a deixar o programa. Todavia, tal fato não foi suficiente para intimidar o humorista como coloca Vale

O que parecia ser o fim para Rafinha, se mostrou o início de uma rentável estratégia (discursiva) para angariar fundos para esse bobo da corte moderno [...] Poucos meses depois de deixar a Rede Bandeirante, Rafinha assina um contrato milionário com o canal por assinatura FOX (filiado à americana FOX ENTERTAINMENT GROUP) no qual o humorista transforma em —piada os próprios problemas com a arte da comédia, principalmente seus processos na justiça e seus desafetos declarados (2015, p.15).

Em 2012 Rafinha foi novamente alvo de polêmicas, cuja causa se deu devido a um comentário feito em seu DVD “A Arte do Insulto” gravado também em 2012; desta vez as chacotas se voltavam para a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) como coloca Silva

O DVD “A Arte do Insulto” de Rafinha Bastos, teve sua comercialização proibida em 2012, por ação proposta pela APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), por uma menção feita a associação e que, segundo ela, feria “à honra e à imagem” das pessoas com deficiência intelectual, chamadas de “retardados” no vídeo. A liminar da 2ª Vara Cível da Capital de São Paulo determinou que o DVD não podia circular nem na televisão, nem na internet. Para cada dia de desobediência, a multa seria de 20 mil reais, e por cada menção a APAE ou a pessoas portadoras de deficiência de maneira degradante, 30 mil. Essa decisão reabriu a discussão sobre liberdade de expressão e censura (2016, p. 13).

Em forma de protesto devido à proibição da venda de seus DVDs, Rafinha os distribuiu gratuitamente em meios às ruas, gerando assim discursões ainda maiores

sobre o assunto. Atualmente Bastos não tem vínculo com nenhum programa de TV, mas, em fevereiro de 2017 o comediante lançou um filme chamado “**Internet - O Filme**”, que relata a busca pelo sucesso de várias figuras ligadas as redes virtuais. No dia 10 de outubro, ele também publicou uma postagem em seu *Instagram* a qual afirmava que estaria voltando aos palcos, nas palavras do próprio “Não sei por que fiquei tanto tempo sem fazer isso. Sou um imbecil. Feliz pra caralho de voltar ao palco. Show novo saindo”.

Em outra postagem no dia 15 de outubro Rafinha anuncia que está de volta e com tom irônico relata que tem um novo foco para suas piadas, “De volta ao palco. Meus textos novos são sobre mitologia grega”. #humorsofisticado”, e ainda no dia 9 de dezembro ele comentou em uma publicação a respeito da experiência de retornar aos palcos “Testei coisas novas no palco. Algumas eram muito boas... outras nem tanto. Vida que segue. Esse show novo tem que sair”.

Ao que se nota, o humorista estava distante dos palcos há algum tempo, e provavelmente esse afastamento se deu devido às inúmeras críticas a respeito de seus textos extraordinariamente polêmicos.

Rafinha é o tipo de humorista que não estabelece uma fronteira para o humor, tampouco mede as consequências quando o assunto é gerar audiência e consequentemente atritos, uma vez que suas piadas exploram homossexualismo, religião, minorias, estereótipos, preconceitos e também o mundo dos famosos, visto que a cantora Wanessa não foi à única vítima a ser atingida pelos comentários do humorista.

Assim, diante do exposto e tendo em vista o poder da linguagem que se manifestada através do discurso, será feito um estudo utilizando uma metodologia qualitativa à luz da análise do discurso Francesa, introduzida por Michel Pêcheux, a respeito das condições de produção de tais enunciados, bem como as fortes cargas ideológicas presentes neles.

2. Análise do Discurso Pêcheutiana

Desde a década de 60, a AD de linha Francesa vinha sendo estudada por diversas correntes teóricas, entre elas a semiótica (estuda o sistema de significações), a linguística (estuda as características da linguagem humana) e a lexicologia (parte da linguística que estuda o léxico em suas diferentes estruturas).

Nesta época o mundo passava por inúmeras transformações; a população questionava estruturas conservadoras reivindicando mudanças, e a língua que na perspectiva de Saussure era até então vista como neutra com poucas alterações e limitada à frase, passou a ser vista como instrumento social ligado à história e à ideologia; a linguagem era pensada em sua prática e agora se integrava aos estudos discursivos.

Michel Pêcheux foi um dos pesquisadores franceses que teve relevante destaque neste cenário, mostrando desde 1969 através de seus trabalhos a importância que tais estudos tiveram naquela época vinculando-os às condições sócio-históricas do momento. O autor tinha como foco utilizar seus estudos como instrumento de luta política, observando como se davam as relações de força e poder proferidas através dos discursos capitalistas; desde então, trabalhou o discurso estabelecendo uma relação entre sujeito, história, ideologia e inconsciente. Estas relações surgem quando Pêcheux considera alguns pontos de articulação entre, a Análise do Discurso, a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise.

Ao estudar a linguística o filósofo entende que ela possui limites que não dão conta de explicar o funcionamento do discurso, uma vez que é vista como um sistema fechado. Já o Marxismo trazia contribuições do materialismo histórico mostrando que a história não é transparente ao homem e que por meio dela o ser se constrói ser. E por último, a psicanálise, que nos estudos a respeito do inconsciente mostrava que o homem não é transparente em si. Porém mesmo percebendo a importância de tais elementos o que de fato lhe interessava era o discurso enquanto materialidade discursiva produtora de sentidos.

Só a partir da década de 80 essas pesquisas foram firmadas aqui no Brasil. Assim como na França, o país teve suas resistências à nova corrente teórica que

tinha como objetivo mudar a forma de estudos que se voltavam apenas para a linguística, como menciona Orlandi

Em uma proposta em que o político e o simbólico se confrontam, essa nova forma de conhecimento coloca questões para a linguística, interpelando-a pela historicidade que ela apaga, do mesmo modo que coloca questões para as ciências sociais, interrogando a transparência da linguagem sobre a qual estas se assentam. Dessa maneira, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da linguística (2010, p. 16).

Orlandi (2010) foi a responsável pela introdução destes estudos aqui; através dela, as pesquisas sobre a AD se estabeleceram como disciplina nos cursos universitários; Orlandi foi uma das pesquisadoras que partilhava de pensamentos semelhantes aos de Pêcheux; seus estudos baseados nas pesquisas de Pêcheux procuram compreender a língua enquanto produção humana carregada de sentidos e significados. Segundo ela, “a análise do discurso procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (2009, p. 15). Desta forma, o homem possui relação direta com o natural e o social; ele significa, produz significado e ao mesmo tempo se ressignifica, sendo então produtor de um sentido que envolve sujeitos em seus respectivos meios. Pêcheux (2009) e Orlandi (2010) trabalham a língua enquanto palavra em movimento, e sobre isso ela afirma que Pêcheux movido pelas análises, questionava os linguistas em relação às regras formais que não seriam suficientes para explicar o discurso, isso por que quem determina os dizeres são as relações humanas.

[...] a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (2009, p. 10).

Assim, os discursos devem ser pensados como objetos sócio-históricos, cuja materialidade ideológica se manifesta através da língua. Pêcheux defende que os sentidos são atribuídos através das posições ideológicas na qual as palavras são

produzidas no processo sócio-histórico extrapolando a materialidade. Nas palavras do mesmo

O sentido não pertence à própria palavra, não é dado em sua relação com a 'literalidade do significante', ao contrário, é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (1988, p. 60)

Nesse sentido, a Análise do Discurso Pêcheutiana surgiu visando o estudo a respeito do caráter histórico da linguagem, caráter este que ultrapassa apenas o verbal e aquilo que está escrito no texto, procura-se compreender a língua fazendo sentido trabalhando-a no mundo, não se limitando puramente a língua nem a gramática em si, mas a junção destas em consonância com o discurso e a história, ambos representados na palavra movimentada pelo homem (seja através da palavra propriamente dita ou não), questionando como ela significa, dialogando textos com outros discursos possíveis e extraindo respostas cujo entendimento se dá não apenas em relação a forma, mas como acontecimento.

2.1 O Discurso e as Relações Sociais

Há várias formas de se entender o que seria "discurso". Em se tratando da perspectiva Pêcheutiana, língua, fala e textos não poderiam ser confundidos com discurso, pois, o entendimento que se tem a respeito deste elemento, é de que ele não se limita puramente a simples explicações textuais ou comunicativas; pelo contrário, vai além, questionando como determinadas situações acontecem através da memória a partir de um processo sócio-histórico. Ou seja, todos os discursos surgem a partir de discursos já existentes registrados no inconsciente que ressurgem com alterações conforme as necessidades do momento, como exposto por Gama et al

[...] todo discurso é uma resposta a outros discursos com quem dialoga, reiterando, discordando, polemizando. Sendo produzido socialmente, em um determinado momento histórico, para responder as necessidades postas

nas relações entre os homens para a produção e reprodução de sua existência carrega o histórico e o ideológico dessas relações (2009, p. 25).

Deslize seria associar puramente o discurso à língua; conforme proposto por Souza, o discurso

Leva em conta o processo discursivo que se interpõe entre o intérprete e o objeto a ser interpretado, não é atribuir sentido a tudo que se lê, se vê ou se escuta. Muito ao contrário, diante do que acontece no cotidiano como enunciável, legível, visível ou audível, enfim, como fato simbólico, observam-se sentidos sendo produzidos. Tem-se aqui o ponto de partida que apresenta uma atividade de interpretação em que o discurso, e não o sentido, é o seu objeto primeiro. Em outros termos, a Análise de Discurso interessa-se somente por processos em que o sentido é abordado como efeito de linguagem, e nunca como propriedade literal das coisas expressas em palavras. Dessa perspectiva, decorre que a linguagem é condição material do discurso. (2014, P.11)

Para que a associação entre língua e discurso aconteça, ela precisa ser pensada como elemento incompleto que está sujeito a mudanças, a qual nem sujeitos, nem sentidos estão acabados, cujos significados transcendem os sentidos quando pronunciadas de diferentes posições ideológicas, posições estas que carregam consigo um amontoado de sentidos que se reconstroem podendo ser vistos a partir de variadas perspectivas. Nesse sentido, uma língua se constrói e funciona sempre em relação a um contexto onde cada um requer uma relação com outros contextos; isso faz com que os textos sejam aceitos de diferentes formas por diferentes pessoas em diferentes situações.

É importante frisar que este sentido intitulado de ideologia passou por diversos estudos; inicialmente ele havia sido pensado como a faculdade de pensar, tese criada pelo filósofo Destrutt de Tracy. Desde então, esta tese vem se modificando junto com o tempo e com os estudos desenvolvidos por outros estudiosos. Althusser, filósofo francês, acreditava que a ideologia atuava no imaginário (não se referindo a algo irreal) como um conjunto de imagens que produziam representações de coisas consideradas certas ou erradas. Posteriormente, sua segunda tese afirmou que a ideologia possuía existência concreta uma vez que o sujeito diariamente obedecia às crenças e práticas que eram próprias do indivíduo em correlação com a sociedade, e em terceiro, ele

acreditava que através da ideologia o ser se tornava sujeito, capaz de fazer escolhas de acordo com as condições sociais que lhes eram impostas. Ou seja, a ideologia que cada ser possui, está diretamente ligada às crenças em conformidade com o real, tais ligações se materializam através dos atos tornando o ser, de fato um sujeito.

O funcionamento da ideologia se dá, pois nas relações sociais de produção e abrange as determinações de classe (na sociedade capitalista) e os horizontes culturais dos integrantes de uma formação social, uma vez que a cultura é a condição dada para a consolidação da ideologia (GAMA et al, 2009, p.37).

Na concepção de Bakhtin só o físico não é suficiente para que exista uma realidade, mas, em conjunto com a ideologia ambos criam uma nova realidade. A presença deste fenômeno pode, pois, ser notada através de tudo aquilo que faz ou produz sentido remetendo aquilo que é real, e que leva o homem a questionar sua condição de existência. A linguagem se constrói na palavra em movimento e na relação do homem com o mundo.

2.2 Condições de produção

Como vimos anteriormente, para que o discurso exista necessitamos basicamente de um sujeito e de uma situação, entretanto, não basta ao sujeito apenas existir, ele precisa, pois, ser participante de ações desenvolvidas em meios sociais; só desta forma é possível analisar e compreender como os sentidos se compõem em determinadas situações reais. Por ser uma teoria que analisa os discursos numa possibilidade histórica, a AD se preocupa como estão sendo usados determinados conteúdos e quais as consequências destes usos, identificando assim, as condições de produção que permitem a existência dos mesmos.

Quando falamos em discurso é preciso lembrar que todo e qualquer discurso surge a partir de enunciados já existentes, que são acionados pela memória através do inconsciente e materializados por meio dos atos discursivos dos sujeitos; estes por sua vez, estão interligados pela materialidade histórica que carregam consigo.

Ou seja, o sujeito convive em determinada sociedade e, com efeito, já está sujeito às condições históricas e sociais desta sociedade por que todos os seus dizeres neste caso se construíram em volta dessa conjuntura social.

Para a AD, os discursos sejam eles escritos, falados, imagéticos ou sonoros, possuem efeitos de sentidos diversificados que dizem muito mais do que apenas aquilo que se vê.

Ao analisar às condições de produção de diversos enunciados, Gama et al (2009, p. 65) afirmam que é preciso concebê-las em seus dois sentidos, sendo eles: “amplo e estrito”. O primeiro trata de analisar o sujeito, a história que ele carrega e as crenças que por ele são concebidas e impostas pela sociedade capitalista, já o segundo aborda às condições momentâneas, que fazem parte do agora, e que se ligam às condições amplas através da memória. Aqui estão às relações de regime cultural, político, as instituições religiosas e outras que configurariam os costumes do indivíduo.

Sobre às condições amplas Gama et al. pontuam que

Atuam no processo de constituição de sentidos trazendo a memória a formação de uma sociedade capitalista subdesenvolvida que se fez, e ainda permanece, com suas instituições impregnadas pelo abuso de poder, favoritismo, nepotismos, concretizados no uso de empregos públicos como moeda de troca entre políticos. É a língua fazendo sentido, como trabalho simbólico, pelo movimento do discurso nas relações sociais (2009, p. 67).

Ou seja, o simbólico e o político juntos dão forma ao que Pêcheux chama de sentido. O primeiro atua como um elemento representativo cuja linguagem é estudada a partir de sua significação e o segundo como confronto de autoridade e poder.

Sobre às condições estritas o discurso analisa

[...] toda situação em que há pessoas falando, conversando, debatendo, dialogando, expondo ideias, portanto palavras sendo ditas, oralmente ou por escrito, ou até mesmo por meio de formas não verbais de linguagem. Em todas essas práticas de linguagem, há discurso, ou seja, efeito de sentido entre interlocutores. Isso se estende às situações em que se lê um livro,

assiste-se a um filme ou a um espetáculo teatral, escuta-se uma música popular ou erudita (GAMA et al, 2009, p. 11).

Desta forma, todo e qualquer enunciado está ligado às condições de produção que resultam das relações sociais que o sujeito estabelece com seu meio; ele não nasce do “Nada”, nem tão pouco é inocente; sendo, pois resultado de práticas linguísticas produzidas no passado e no presente de maneira que ambos são indissociáveis.

2.3 Formações Ideológicas

As formações ideológicas se caracterizam por evidenciar elementos sociais, materiais, históricos e culturais transmitidos por meio de discursos (sejam eles proferidos através de palavras ou não). Estes elementos ao serem analisados através de metodologias da análise do discurso, expõem os diversos significados que possuem bem como a posição política de quem os pronuncia, pois, como coloca Orlandi (2010, p. 47) “Não há discurso sem sujeito, nem tampouco sujeito sem ideologia”.

Ao serem expostas as ideologias, estes sujeitos constroem saberes que não são ensinados, mas apreendidos. Tais apreensões por sua vez, representam um aglomerado de atitudes dos sujeitos que nem são individuais, nem universais, mas se relacionam conforme a relação com a história e as posições de classe que assumem. São elas (as formações ideológicas) que sustentam aquilo que é pensado e dito pelos homens em determinado momento.

Naturalmente, as ideologias não constituem elementos estanques na sociedade e no tempo. Mas o sujeito, embora sofra as determinações histórico-sociais, realiza escolhas, a partir da realidade posta. As relações sociais dão lugar às diversas posturas ideológicas que são produzidas materialmente em determinadas condições de produção (FERREIRA, 2011, P. 03).

O objetivo do discurso neste caso é tratar do prévio pensamento do sujeito que é dotado de consciência e que se materializa mediante discurso, ou seja, o sujeito pensa, e este pensamento é materializado através daquilo que ele diz. É importante frisar que, cada indivíduo apesar de ocupar lugar em um dos grupos ou classes de determinadas formações sociais não possui autonomia total em relação às decisões que toma, uma vez que este está sujeito às ideologias que carrega e às condições impostas pela sociedade, neste caso são oferecidas na verdade, alternativas as quais ele poderá escolher. Embora a vida pessoal e a coletiva não possam ser separadas, cada uma dessas formações ideológicas carregam elementos discursivos que as tornam ainda assim dominantes.

Assim, todo dizer advém das condições históricas e sócias determinadas pela ideologia, que primeiramente existe no imaginário e encontra no sujeito um suporte para dar existência ao discurso.

2.4 Formações Discursivas

Como visto anteriormente, para que o sentido exista ele precisa ser pensado a partir de determinadas posições ideológicas, situadas em determinados momentos históricos, de maneira que são as formações ideológicas que sustentam a relação entre língua e discurso, e, conseqüentemente as formações destes discursos.

Sabendo disso, é possível compreender as formações discursivas como um conjunto de regras que determinam aquilo que deve ser pronunciado em determinados espaços. E, se as formações discursivas dominantes determinam aquilo que pode ou não ser dito, se deve ao fato de que algo precisou ser dito antes, ou melhor, existir num outro momento; fica evidente, portanto, que estas formações se modificam de acordo com o tempo, espaço e as posições ideológicas assumidas pelos sujeitos. É importante frisar que por estar em constante movimento as formações discursivas podem se deslocar ou ate mesmo se contradizer à medida que um mesmo enunciado pode assumir diferentes interpretações ao passarem de uma formação discursiva para outra como pontuado por Gama et al.:

Cada formação ideológica traz em si, como um de seus elementos de composição, uma ou várias formações discursivas, como lugar em que as formações ideológicas realizam um trabalho de estabelecimento de sentidos aceitáveis pela formação dominante, ou não. Desse modo, pode-se falar das mesmas coisas, atribuindo-lhes diferentes sentidos, porque as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra (2009, p.74).

As palavras ganham sentido a partir das posições em que são empregadas pela formação dominante, e esta, atua sobre a formação discursiva determinando os dizeres, que neste caso, tomam a forma mais conveniente para dada situação. Ou como coloca Orlandi

A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio histórica dada – determina o que pode e deve ser dito. (2010, p.43).

Se por um lado as formações discursivas selecionam aquilo que deve ser dito em determinado momento, por outro acabam ocultando algo que não poderia ou não deveria ser dito em dada situação, de acordo com determinadas posições ideológicas assumidas pelos sujeitos.

Para Pêcheux essa seleção e ocultação de discursos acontece pelo fato de tais discursos já terem sido proferidos em momentos anteriores, e reproduzidos (não de forma idêntica, mas semelhante) no momento atual como veremos nas categorias abordadas a seguir.

2.5 Interdiscurso e Intradiscurso

Se os discursos anteriores servem de base para a existência de novos discursos, eles acabam sendo fornecedores para discursos atuais, ou seja, não há como fugir deles uma vez que só se pode falar a partir de coisas que já foram ditas. A AD chama esta relação entre discursos que já foram ditos e que se (re)dizem de: Interdiscurso e intradiscurso.

O primeiro (interdiscurso) traz para o agora, discursos mencionados em momentos anteriores, de forma que o sujeito seleciona na memória apenas aquilo que no passado foi relevante para a produção de novos sentidos, silencia aquilo que não era pertinente ao dado momento e diz apenas o que lhe convém ressignificando de acordo com a situação. Este fenômeno é chamado pela AD de memória discursiva, pois retorna a discursos localizados na memória já ditos em momentos passados alterando-os e lhes atribuindo novos significados no presente. Memória esta que pode sofrer inúmeras mudanças, pois, como fazem parte de dizeres já ditos, muitos deles encontram-se no inconsciente, dificultando trazer a tona o que se quer dizer, da mesma forma em que foi dito em outro dado momento ou ainda, silenciando aquilo que não se pode dizer em determinado momento. Ainda que o sujeito tenha a impressão de estar reproduzindo o discurso original quando o pronuncia, o que acontece na verdade é uma paráfrase dele.

Gama et al conceituam o interdiscurso como

[...] discursos já constituídos que entram na produção discursiva ressignificando o já-dito antes, noutro lugar; como espaço de confrontos ideológicos das relações de dominação/subordinação. Dessa forma, está introduzida na AD a noção de interdiscurso, como o que é falado antes, em outro lugar e como o que possibilita dizeres outros, convocados na história, ideologicamente marcados, que vão os discursos produzidos pelo sujeito, em dada condição de produção (2009, p. 76).

Já o segundo (intradiscurso) é proferido no exato momento da fala, embora ainda assim traga consigo memórias discursivas, cujas formulações já foram feitas em outro espaço\tempo e já foram esquecidas, no entanto são reformuladas de acordo com a situação, como foi visto anteriormente, sendo, portanto, elementos inseparáveis que estão em constante processo de ressignificação. Ambos fazem parte de um eixo que não pode ser entendido separadamente.

2.6 O Dito o Não Dito e o Silenciado

Estudar o discurso enquanto produtor de sentidos é um dos objetivos da Análise do discurso, desta forma, é através do dito e do não dito (um dos principais

dispositivos teóricos estudados pela Análise do Discurso de linha Francesa) que os sentidos acontecem. A fala (dito) ou ausência dela (não dito) unida ao lugar de onde se fala, são mediadores na construção de tais sentidos. Assim, estudaremos aqui não apenas o que é dito, mas como é dito e o que deixa de ser dito, abordando o discurso enquanto prática social ao passo que ele não acontece apenas de uma fonte, mas de várias.

Umas das grandes questões colocadas pelos estudos discursivos se voltam não apenas para as diferentes formas de dizer, mas também de não dizer, pois como coloca Orlandi (2010, p. 83) “[...] o não dito é subsidiário ao dito. De alguma forma; o complementa, acrescenta-se”.

Se os discursos não se compõem apenas da fala, mas daquilo que não se fala o não dito mesmo não sendo palavra acaba também sendo precursor do discurso; sua presença está ali, e só existe porque algo foi silenciado deixando de ser dito, cujo sentido não se refere ao ato de calar, mas de deixar subtendido. Esse fenômeno tem uma importante relevância no processo de constituição dos sentidos, pois sem ele o sujeito não teria, nem poderia, falar tudo o que pensa, logo, este jogo existente entre palavra e não palavra é o que faz movimentar: os sujeitos, os sentidos e consequentemente as formações discursivas como coloca Silva

Pode-se compreender que, na relação entre o dizível e o não-dizível, dá-se a produção do sentido; que tanto o sujeito como os sentidos de seus discursos, o dito e o não-dito são determinados pelas formações discursivas, as quais operam através dos saberes constituídos na memória do dizer (2008, p. 05).

Assim, para que o sentido aconteça é preciso que, acompanhado da fala, exista o silêncio como apontam Gama et al. (2009, p. 81) “Há, pois, um silêncio necessário que é presença, condição para que se realize o processo de constituição do sentido, do sujeito e da incompletude própria da linguagem”, os autores colocam ainda que

Ao falar, o sujeito tem necessariamente uma relação com o silêncio, pois não se pode dizer tudo; se assim o fizesse, estaria incorrendo, no excesso do dizer, na ausência de sentido. Desse modo, o silêncio é fundamental

para que o sujeito produza sentido e o reinstaure em cada dizer. [...] Portanto, o silêncio que trata aqui não se confunde com o ato de calar, da ausência de sentido; é a possibilidade do dizer que se imiscui no discurso e estabelece uma relação necessária com o sujeito, o que prova a impossibilidade do não-sentido (2009, p. 81).

Com isso, fica entendível que tal silenciamento é uma representação que não está diretamente ligada à fala, nem tampouco ao ato de um calar sem sentido, mas de um silenciado proposital que assume significado diferente do verbal fazendo referência aos ditos de forma que eles significam mesmo estando implícitos. E se os ditos tratam dos discursos pensados e materializados através da fala; estes verbalizam apenas a parte conveniente e necessária do discurso para aquele determinado momento como colocado por Gama et al

Algo é dito para que não seja dito o indesejável, o não permitido, porque há sentidos que, se não evitados, podem trazer a tona sentidos outros que apontam para uma formação discursiva que precisa ser excluída. Há um dizer que se faz necessário ao apagamento de possíveis sentidos não convenientes que impõem limites a presença de determinadas formações discursivas (2009, p. 82).

Enquanto o dito representa o agora, os já ditos representam um momento passado cuja percepção se dá através dos ditos e também dos não ditos, indicando, sugerindo ou até mesmo insinuando, ambas as ações acontecem devido ao fato da utilização da memória discursiva que quando acionada retorna as imagens armazenadas na memória e a liga com outras novas de maneira que as próprias interpretações dos sujeitos sejam construídas.

A partir de tais colocações e das vastas possibilidades de estudos que a Análise do Discurso oferece, veremos que por trás de todo enunciado seja ele humorístico ou não existe o dito, o não dito e por trás daquilo que não foi dito existe o silenciado, fazendo um paralelo com a sociedade e o poder.

3. Análise do Corpus Discursivo

Para o desenvolvimento deste estudo será utilizado como *corpus* da pesquisa, trechos discursivos de shows de *Stand-up* do humorista Rafael Bastos. As análises serão feitas através de uma metodologia analítica qualitativa e seguirão as categorias Dito, Não dito, Silenciado, Condições de Produção e Formações Ideológicas e Discursivas propostas pela Análise do Discurso Pêcheutiana.

3.1 Um Estudo Sobre os Ditos, Não Ditos, Silenciados e as Formações Discursivas e Ideológicas presentes no Gênero *Stand-up*

Recorte I

Vejamos o primeiro recorte a seguir; trata-se de uma piada contada durante uma apresentação em um show de *Stand-up* no clube *Comedians* em São Paulo no ano de 2011. Nela, Rafinha faz o seguinte comentário

Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando de quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade. O homem que fez isso não merece cadeia, merece um abraço.

A velha frase “É só uma piada”, é uma das expressões constantemente ouvidas pelos telespectadores quando graças desta natureza são pronunciadas pelos comediantes, entretanto ao expressar tal enunciado, Bastos esconde no não dito, que na verdade uma mulher não só pode ser estuprada, como este ato deve ser entendido como algo comum diante da sociedade quando a mulher em questão for tida como “feia”.

Com isso, pensando às condições históricas mais amplas: é notável que o riso desinteressado não esta em exclusivo, pois, ao pronunciar tal discurso percebe-se que a piada trata de um tema cujo conteúdo está ligado a fatores sociais e que

por sua vez precisam de certos cuidados já que questões de natureza coletiva estão ganhando um espaço relevante, sendo postas e discutidas cada vez mais no cenário social atual.

A piada acima foi contada no ano de 2011. Tal discurso desencadeou repercussão negativa em meio a redes sociais e canais de televisão por ser entendida como uma suposta apologia ao estupro. No mesmo ano a secretaria de Políticas para as Mulheres publicou uma nota direcionada ao público lamentando o ocorrido, e posteriormente o Ministério Público de São Paulo instaurou um inquérito policial para averiguar a possibilidade de apologia à violência contra a mulher.

Como é sabido, há anos as mulheres passam por lutas em busca de autonomia e respeito. Em contrapartida, a chacota acima afronta tais progressos quando utiliza termos que agredem a imagem da mulher submetendo os corpos femininos aos ditames masculinos.

Ao mencionar no intradiscurso “toda mulher”, é possível entender através da categoria dito, que não se trata apenas de uma mulher, mas, faz referência ao gênero feminino no geral, afirmando desta forma através do não dito a oposição existente entre ambos os gêneros (masculino e feminino). Posteriormente, subentende-se que o humorista divide as mulheres em dois grupos: as bonitas (as quais ele implicitamente afirma ser crime qualquer tipo de lesão corporal) e as feias (que devem encarar o estupro como uma oportunidade). Nesse sentido, é possível compreender que mais uma vez a mulher é tida como submissa, e mesmo sendo violada, alguém ainda merece créditos por isso, o que torna a piada ainda mais repudiante.

A partir de uma formação discursiva dada de preconceito à mulher, ele procura sustentar a ideologia do domínio masculino, no entanto a tentativa de conduzir o público ao vago entendimento, em que o termo “estupro” fosse tratado de maneira cômica e totalmente despercebida, não acontece. Pois, apesar de algumas informações se encontrarem silenciadas, outras interpretações como vimos tornam-se dominantes. Desse modo, a piada ao infringir as garantias dos direitos fundamentais (a exemplo podemos citar os movimentos feministas) colabora para um reforço da ideia de que toda mulher não só necessita de atenção da figura masculina, mas também de que um homem pode se achar no direito de “cantá-la” em qualquer lugar e a qualquer momento, ou seja, a cena descrita pelo humorista é

na verdade um cenário onde vítimas de estupro e seus agressores ocupam lugares específicos na sociedade.

Recorte II

O segundo recorte foi retirado do show de *Stand-up* intitulado “A Arte do Insulto”, gravado por Bastos no Bar Comedians em São Paulo no ano de 2011, desta vez o humorista chacoteia os idosos e os cadeirantes como veremos a seguir.

Porque idoso tem fila preferencial no banco se ele não tem motivo para ter pressa, precisa voltar correndo pro bingo, vai perder o campeonato de dominó tiozão? Sou contra fila preferencial ninguém deveria ter. E as pessoas na cadeira de rodas; adivinha amigo, você é o único que está sentado; espera quieto e cala essa boca!

Expresso de diferentes formas, o preconceito e a discriminação fazem parte de uma realidade que circunda em meio à sociedade. Fato este que atinge não só mulheres como visto anteriormente, mas, idosos, deficientes e tantos outros que estão no alvo da intolerância, dos preconceitos e dos estereótipos.

Condições econômicas, físicas, de idade e muitas outras que compõem às condições amplas do discurso, ainda persistem e se vinculam devido a uma série de questões históricas, fazendo parte da intolerância e da indiferença.

A forma como o idoso e os cadeirantes são tratados pelo comediante, de maneira negativa, refletem a respeito dos estereótipos sobre a velhice e a deficiência física. Este discurso advém de uma ideologia dominante já construída representado em uma condição de produção momentânea que ganha novo significado (de preconceito, raiva e ódio) ao serem introduzidos no meio das comédias. Ou seja, Rafinha munido da falta de senso e cautela ao indagar “porque o idoso tem lugar preferencial na fila se não há motivo para ter pressa” esconde no não dito que os idosos devem ficar à margem, pois de acordo com sua percepção, a

classe de idosos é inútil socialmente, não servindo assim para nada. Ao fazer isto ele silencia, pois o grande preconceito social e a falta de cuidados com nossos idosos, diferente de outras culturas como no Japão, por exemplo, onde velhice significa respeito, sabedoria e exemplo de experiência a ser seguida pelos familiares e a sociedade no geral.

Ao produzir tal fala o humorista revela ainda, outra face do humor: um senhor que frequenta o bingo ou joga domino é um ser improdutivo e por isso não digno de consideração e atenção prioritária.

O mesmo acontece quando o comediante através do Dito fala sobre os cadeirantes a seguinte frase: “E as pessoas na cadeira de rodas; adivinha amigo, você é o único que esta sentado; espera quieto e cala essa boca”. Rafinha se refere ironicamente aos cadeirantes como amigos, e chacoteia a condição física ao estabelecer que devam esperar quietos e sentados, sendo que esta não é uma condição física opcional, mas incidental.

A carência de conhecimento sobre o assunto e a falta de senso foram e ainda são os principais pontos para a criação do abismo existente entre as relações sociais e as pessoas com deficiências. Este aspecto, entretanto, não deve ser relacionado àqueles que têm menos condições ou menor grau de estudo, mas a sociedade no geral que munida da falta de informação e prudência começa a supor, o que acaba na maioria das vezes em interpretações equivocadas que fogem da realidade e atingem grosseiramente o outro causando o preconceito.

Tais discursos apresentam não ditos ideológicos à medida que propõem um fundo político, sejam a ponto de inferiorizar o outro ou de usa-lo como objeto cômico, pois em troca destes dizeres é necessário que exista um retorno que no caso da comedia trata-se do riso. Isso tudo segrega uma ideologia dominante de preconceito, de raiva e de ódio.

Considerações Finais

Todas as práticas de linguagem são, ao mesmo tempo, práticas sociais, ou seja, modos de representar uma realidade social, agir dentro dela e nela se posicionar criticamente.

Preocupado com o trabalho do discurso enquanto prática social, a Análise Discurso busca intervir socialmente através de seu trabalho sobre aqueles que por meio da linguagem tentam impor certo poder em relação a classes menos privilegiadas.

Disfarçado de humor, a linguagem utilizada nos shows de *stand-up* reproduzem conteúdos preconceituosos que nos remetem a muitas relações sociais e por isso, estas colocações nos fazem refletir a respeito dos limites da liberdade de expressão no gênero *Stand-up*, pois mesmo que não se criem novos preconceitos tais abordagens potencializam de certa forma os já existentes tratando-se, portanto, de um tipo de humor que não é neutro.

Para conseguir sucesso em seu jogo discursivo, Bastos utiliza técnicas específicas do discurso como os ditos e não ditos que constituem os processos discursivos, escolhendo com precisão quais dizer, e quais não, já que seu principal objetivo é que seu espetáculo fique bem visto aos olhos da plateia a ponto de passar despercebido o ângulo de superioridade do mesmo, que na verdade inferioriza, despreza, zomba e classifica os sujeitos. Assim, fica claro que o humorista não só tem noção, mas total entendimento de como seu discurso atua sobre o outro.

É preciso, pois, que o leitor esteja mais atento sobre o que é produzido e o que se ouve nas diferentes manifestações da linguagem; produções voltadas para denúncias de críticas sociais e políticas são extremamente válidas, mas apesar de a liberdade de expressão ser um princípio fundamental da democracia, ele passa a ser limitado quando agressões como as abordadas neste trabalho, incentivam a disseminação do ódio e a discriminação de minorias passando a causar danos aos envolvidos. Assim, piadas desta natureza podem até ser engraçadas em algum momento, desde que o alvo não seja uma pessoa específica.

Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **“Ensaio sobre a significação do cômico”**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro, Ph.D. em Filosofia, Universidade do Texas. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 2ª Edição, 1983.

GAMA, Ana Maria Florêncio e et al. **Análise do Discurso: fundamentos e prática**. Maceió: EDUFAL, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis Guerra. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Pedro Luiz Pinto da Cunha, 2014.

HOCSMAN. R. B. Disponível em:< https://pt.wikipedia.org/wiki/Rafinha_Bastos> Acesso em set. de 2017.

HOCSMAN. R. B. PÉSSIMA INFLUÊNCIA. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=emVpYtChhbQ>> Acesso em set. de 2017.

JÚNIOR. M. P. **O Riso e a Ordem Social: Ensaio sobre a teoria de Henri Bergson sobre o riso e o cômico**. Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 2012/1.

MATHIAS, C. S. **É SÓ UMA PIADA Uma breve análise sobre o stand-up brasileiro e o discurso preconceituoso enrustido no humor**. São Paulo: CELACC/ECA-USP, 2015.

NUNES, M. M. **DADA E O RISO**. Araraquara: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP ‘JÚLIO DE MESQUITA FILHO’ FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS CAMPUS DE ARARAQUARA, 2006.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2010.

PIRES. J. M. **A Função Social da Comédia - o teatro sem sofrimento**. Universidade de São Paulo – Escola de Comunicações e Artes CELACC – Centro de Estudos Latino Americanos sobre Cultura e Comunicação, 2010.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: contexto, 2014.

SANTOS, Natália Siqueira Netto e et al. **LIMITES DO HUMOR NO AMBIENTE DEMOCRÁTICO E OS DIREITOS DA PERSONALIDADE**. Faculdade de Direito de Vitória (FDV), 2017.

SECHINATO, J. S. **NO ESPETÁCULO DO RISO: UMA ABORDAGEM ETNÓGRAFICA DA COMÉDIA STAND-UP**. Dissertação de Mestrado. São Carlos: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL, 2015.

SILVA, Obdália S. F. S. **Os ditos e os não-ditos do discurso : movimentos de sentidos por entre os implícitos da linguagem**. Salvador, p.01-15, 2008.

SILVA, Antonio Izaida. **O riso dos outros: o humor tem limites?** Disponível em: <<https://espacoacademico.wordpress.com/2013/06/12/o-riso-dos-outros-o-humor-tem-limites/>> Acesso em 20 set. 2017.

SOARES, F. F. **A leitura antropológica pelo humor stand up**. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 12, n. 35, pp. 480-492, Agosto de 2013. ISSN 1676-8965. v

SOUZA, P. **Livro – Texto Análise do Discurso 11º Período**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

VALE, Rony Petterson Gomes do. **Humor, humoristas e problemas de topia discursiva. Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 01-30, maio/ago. 2015.

VEATCH, Thomas. C. A. **Theory of Humor. HUMOR: International Journal of Humor Research**, Berlin: Mouton DeGruyter, v.11. n.2, p.161-216, Ma y 1998. Disponível em: <<http://www.journalofhumorresearch>>. Acesso em: abr. 2018.